

Evasão é maior em física e matemática

■ Pesquisa revela que principal motivo do abandono é a dificuldade financeira, o que não ocorre nos cursos de medicina ou odontologia

MÁRCIA TELES

Se depender dos índices de evasão das universidades brasileiras, haverá escassez de matemáticos, físicos e químicos no mercado. Filósofo, então, será uma raridade. Em compensação, médicos e dentistas devem se enfrentar numa disputa acirrada por clientes. Levantamento feito em instituições públicas de ensino em todo o Brasil mostra que mais da metade dos alunos que se matriculam nos cursos das áreas de ciências exatas e da terra — matemática, física e química — não chega até o final. Ao contrário, a área de ciências da saúde — medicina, odontologia e veterinária — desponta com um índice médio de evasão de 10%. No Rio, apenas 18% dos alunos que optam pela carreira de filosofia conseguem o diploma, segundo dados fornecidos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), que comparou os seus

índices com os de São Paulo. Lá, a média apurada é pior: só 12% se formam.

Segundo o coordenador de Avaliação Institucional da Universidade Federal Fluminense (UFF), José Márcio Lima, a falta de dinheiro é a principal causa da evasão dos estudantes, o que explica a existência de um índice tão baixo nas carreiras ligadas à saúde. “A maioria dos alunos que se decidem pela área médica tem alto poder aquisitivo, enquanto os de renda mais baixa preferem seguir carreiras que não vão exigir investimentos posteriores”, explica José Lima. “Um aluno carente tem receio de fazer um curso de odontologia e depois não ter dinheiro para montar um consultório. Então, ele pre-

fere abrir mão da sua vocação e seguir carreiras em que a prática profissional passa longe da conta bancária” complementa.

O grau de dificuldade dos vestibulares para odontologia e medicina também é outro fator que ajuda a manter o aluno na faculdade. “O estudante só vai passar se estudar muito e ninguém se submete a esse sacrifício se não tiver grande interesse em seguir a carreira”, analisa o professor da UFF. “Já as provas de seleção para matemática, física e química

são mais fáceis. O que também é uma faca de dois gumes, na opinião do professor. “Entre as carreiras universitárias, as de ciências exatas são as que têm maior grau de dificuldade, o que determina a alta taxa de evasão”, afirma. “Despreparado, o aluno acaba desistindo”, diz.

José Lima participou da Comissão Nacional de Evasão, criada pelo Ministério da Educação, que levantou os dados junto às universidades brasileiras, tomando como base os alunos matriculados entre o primeiro semestre de 1985 e o segundo de 1987. Os resultados do estudo, que ainda está sendo complementado por questionários enviados aos estudantes *fujões*, serão

encaminhados ao MEC até o final do ano.

De acordo com o superintendente de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), professor Ricardo Medronho, a evasão não é uma exclusividade dos brasileiros. Em alguns países da Europa, os índices são bastante semelhantes. Na Espanha, por exemplo, a cadeira de física registra média de 70% de evasão”, garante. “Na UFRJ, dois em cada três estudantes se formam, o que dá uma média de evasão em torno de 40%”, disse Medronho.

Na Uerj, 38% dos alunos concluem o curso no tempo mínimo estipulado para cada carreira e 48% utilizam o tempo máximo — seis anos para direito e nove para medicina, exemplifica o reitor da universidade, Antônio Celso Pereira, que estima uma média de evasão em torno de 14%.

“Um aluno carente tem receio de fazer odontologia e depois não ter dinheiro para montar um consultório. Então, ele opta por uma carreira que não dependa da conta bancária”

José Lima, coordenador de avaliação institucional da UFF.